

LITERATURA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ E OS MOVIMENTOS TRABALHISTAS NA AMÉRICA LATINA

*Literature by Gabriel García Márquez
and labor movements in Latin America*

Camila Marques Bottós¹

ÁREA: Direito. Literatura.

RESUMO: Este estudo partiu do interesse em desenvolver um estudo que pudesse refletir a história dos movimentos trabalhistas na América Latina do século 20, como ensejos necessários para a criação literária de Gabriel García Márquez, em *Cem anos de solidão* (1967). Primeiramente, parte-se da ideia do entrecruzamento de discursos entre a história e a ficção, ou seja, a possibilidade de uma análise literária não como forma de explicar os acontecimentos históricos e culturais, mas os tornar referências para a construção do texto. Em seguida, passa-se para um estudo pontual de como a questão trabalhista, os movimentos sociais e a intervenção do Estado se desenvolveram na América Latina e como isso gerou reflexos na literatura latino-americana. Por fim, analisa-se como García Márquez tomou por base aspectos sociais, econômicos e culturais na construção de sua narrativa. Como resultado, verifica-se a arte no resgate da memória coletiva e da identidade de um povo, a reflexão sobre si mesmo e sobre sua inserção nos movimentos sociais e na conquista de direitos.

PALAVRAS-CHAVE: Direito. Literatura. América Latina. Movimentos sociais. Memória.

¹ Procuradora Legislativa. Mestre em Literatura pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. E-mail: camila_bottos@hotmail.com.

ABSTRACT: This study aimed from the interest in developing a study that could reflect the history of labor movements in Latin America in the 20th century. as necessary opportunities for the literary creation of Gabriel García Márquez, in *One Hundred Years of Solitude* (1967). First, it begins from the idea of the intersection of discourses between history and fiction, that is the possibility of a literary analysis not as a way to explain historical and cultural events, but to make them references for the construction of the text. Then, move on to a specific study of how the labor issue, social movements and state intervention developed in Latin America and how this created reflexes in Latin American literature. Finally, it analyzes how García Márquez took social, economic and cultural aspects as a basis in the construction of his narrative. As a result, art is verified in the rescue of the collective memory and identity of a people, reflection on itself and its insertion in social movements and in the conquest of rights.

KEYWORDS: Law. Literature. Latin America. Social movements. Memory.

SUMÁRIO: Introdução. 1. O Massacre das Bananeiras. 1.2. A relação da literatura de García Márquez com o contexto histórico dos movimentos trabalhistas. Conclusão. Referências.

INTRODUÇÃO

O diálogo entre Literatura e Direito não é propriamente recente. A relação entre essas duas disciplinas remonta à Antiguidade Clássica e aos grandes filósofos. Entretanto os estudos e pesquisas interdisciplinares entre essas áreas, ainda, são campos em desenvolvimento primário no Brasil. Comparado ao sistema metodológico e crítico consolidado nos Estados Unidos e na Europa, a comunidade acadêmica brasileira tem de superar muitas barreiras que impedem um conhecimento dinâmico desta questão.

A partir desta premissa, este artigo busca estabelecer relações de diálogo e proximidade entre Literatura e Direito. Esse processo de integração implica em um método de pesquisa que procure romper com as limitações impostas por um modelo tradicional de ciência que atua de forma isolada e independente. Com isso, a prática interdisciplinar adotada possibilita uma reflexão sobre

a construção de um conhecimento científico sistematizado e participativo, que permita uma real cooperação e troca de informações, a fim de romper com a individualidade.

Para tanto o estudo toma por base o romance *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel García Márquez, hoje considerada uma das mais importantes obras da literatura latino-americana. A escolha desta narrativa é justificada pela possibilidade de se explorar os efeitos da verossimilhança entre os feitos que marcaram o povo colombiano e latino-americano, tais como: a violência, a corrupção política, a solidão e a restrição de direitos fundamentais ou a ausência destes.

Objetiva-se, com isso, desenvolver um estudo que busque compreender como temas oriundos da ciência jurídica são retratados no texto literário e como esses são reflexos da história e do povo latino-americano. A importância deste estudo está no fato de que a arte pode provocar uma renovação nos significados das coisas e o resgate de sentimentos, capazes de transformar a maneira como a sociedade enxerga o mundo.

1.1 - O Massacre das Bananeiras

A busca por reconhecimento de direitos e a forma repressiva que o Estado tratou essas manifestações populares são reflexos na literatura de García Márquez, intelectual politicamente engajado, que apresentava discussões sobre as esferas econômicas e políticas em suas obras. Dessa forma, o romance, aqui analisado, externaliza um discurso que possui uma forte vertente de idealismo político e questões sociais, semelhante aos movimentos trabalhistas do século 20 que ocorreram na América Latina.

A empresa United Fruit Company, que inspirou o escritor colombiano a criar a Companhia Bananeira em seu romance, esteve presente em sua vida por meio de histórias contadas por seu avô. A companhia norte-americana pertencia a Minor Cooper Keith, membro de uma rica família do Brooklyn, de Nova Iorque, que se estabeleceu em Santa Marta, na Colômbia, no final do século 19 para plantar bananas para exportação, na região de Magdalena. O empresário fundador tornou-se muito conhecido na região, pois além da implantação da exportadora de frutas, foi responsável pela conclusão de uma ferrovia que ligava a produção de bananas ao porto, localizado em Porto Rico.

A dimensão e o poder da UFC eram tão fortes que foram instaladas filiais em outros países da América Latina, tais como Equador e Guatemala. A forma desumana como seus trabalhadores eram tratados serviram de base para outras obras literárias, como por exemplo a *Trilogia Bananeira*, publicada entre as décadas de 1950 e 1960, pelo escritor guatemalteco Miguel Angel Asturias.

Era de conhecimento geral, na época, que a companhia norte-americana possuía fortes ligações com o governo de Miguel Abadía Méndez, presidente colombiano entre 1926 e 1930 pelo partido Conservador. Neste sentido, os privilégios que o governo lhe fornecia eram bem maiores do que as demais empresas estrangeiras recebiam, ademais enormes territórios foram concedidos para que fossem utilizados no plantio de bananas.

O apoio do partido Conservador exerceu na direção da UFC uma forte influência de combate aos movimentos sociais e às lutas por direitos da classe trabalhadora, isso porque, acreditava-se que estas reivindicações eram financiadas e fomentadas por partidos comunistas.

O cenário desenhado pela empresa apresentava o ápice da desumanização do trabalho ao fornecer aos funcionários um ambiente laboral insalubre e perigoso, com recursos escassos ou até mesmo inexistentes para um desenvolvimento produtivo e saudável. O vínculo empregatício dessas pessoas com a empresa americana era realizado mediante terceiros, ou seja, pessoas que atuavam como empreiteiros intermediários de trabalho, dessa forma, a companhia se isentava de prestar assistência e condições dignas para seus funcionários. Diante disto, em razão da precariedade dos documentos e registros bem como da falta de formalização das relações de trabalho, o número estimado de trabalhadores que prestavam serviços nas plantações de bananas e demais setores era impreciso, mas estimado entre 10.000 e 30.000 pessoas.

Em meados de 1927, milhares de pessoas trabalhavam em suas plantações de bananas, em situação análoga à condição de escravos. Esses trabalhadores exerciam em média 12 horas efetivas de trabalho e não recebiam remuneração em dinheiro, mas créditos para serem utilizados nas dependências da empresa, em troca de mercadorias básicas de subsistência.

Em novembro de 1928, por meio de um sindicato, foi encaminhado um documento aos dirigentes da companhia de exportação, em que constava algumas reivindicações trabalhistas que cobravam o cumprimento de preceitos já previstos nas leis colombianas. Tratava-se de normas de segurança, ambiente de

trabalho adequado, moradias com condições mínimas de higiene e um aumento de 50% nas remunerações.

A United Fruit não aceitou a pauta requerida pelos trabalhadores e as negociações com o sindicato foram cessadas abruptamente, pois subvertiam o sistema implantado. Diante disto, em 12 de novembro de 1928, iniciou-se uma grande paralisação trabalhista, embasada no slogan: “*Pelo operário e pela Colômbia*”. O movimento foi qualificado pela imprensa, pelo governo e pela empresa como sendo uma forma de organização revolucionária comunista, em que agentes russos infiltrados teriam inflamado os ânimos dos operários para a insurreição trabalhista, a fim de propagar os ideais do Partido Liberal.

O alto executivo da companhia, pressionado pela movimentação popular, recorreu ao governo de Miguel Abadía Méndez, que prontamente declarou estado de sítio na região afetada pela greve, por perturbação da ordem pública e, ainda, enviou tropas do exército nacional para conter a paralisação. Sob o comando do General Carlos Cortés Vargas, os militares tinham como objetivo e prioridade a proteção das dependências físicas da empresa e da vida dos dirigentes que ainda permaneciam no local.

Apesar da manutenção das forças militares no movimento e a recusa por parte da companhia em estabelecer negociações com os sindicatos, os trabalhadores se mantiveram fortes em sua luta e ampliaram a paralisação para o transporte ferroviário, em Ciénaga.

Na noite de 5 de dezembro de 1928, os grevistas se reuniram na praça central da cidade de Ciénaga, região de Magdalena, com o objetivo de ouvir o pronunciamento do governador, que supostamente seria o mediador de uma possível negociação entre empregados e empregador, entretanto, na praça, encontrava-se o general Cortés Vargas e seu exército, que rapidamente cercou os manifestantes.

Durante a madrugada do dia 6, o general leu um decreto sobre perturbação da ordem e exigiu que a multidão se dispersasse sob pena de abrir fogo a quem desobedecesse. As pessoas se recusaram a deixar a praça e as tropas posicionadas nos telhados das casas vizinhas atiraram incessantemente contra o povo desarmado, sem possibilitar alguma forma de se proteger ou fugir. O número de pessoas atingidas e mortas pelo exército até hoje é incerto, mas se estima que havia centenas de operários, que inclusive, estavam acompanhados de esposas e filhos pequenos.

O político e advogado, Jorge Eliécer Gaitán, filiado ao partido Liberal e opositor ao governo, denunciou o massacre ao congresso colombiano e acusou os militares, comandados por Cortés Vargas, de atuar de forma premeditada e a executar cruelmente pessoas indefesas. A partir disso, uma comissão de inquérito foi formada para apurar os fatos e descobriu-se a existência de cemitérios clandestinos e valas comunitárias, assim se acredita que o número de mortos decorrentes dessa greve tenha ultrapassado 1.500.

Em janeiro de 1929, o embaixador estadunidense na Colômbia, Jefferson Caffery, escreveu um comunicado oficial para Washington, em que comemorava as mortes dos grevistas, “eu tenho a honra de informar que o assessor jurídico da United Fruit Company aqui em Bogotá, disse ontem que o total de grevistas mortos por autoridades militares colombianas estava entre 500 e 600”. Esse telegrama se encontra, atualmente, no National Archives de Washington.

O episódio, que ficou conhecido historicamente como o massacre das bananeiras, não resultou em qualquer responsabilidade penal ou política para seus idealizadores e executores, pelo contrário, o general Carlos Cortés Vargas foi promovido a diretor da Polícia Nacional e permaneceu neste cargo até ser destituído, pelo envolvimento na morte de um jovem de classe alta e influência política, em junho de 1929.

Diante de todos estes fatos apresentados, compreende-se que a United Fruit Company, representava a submissão que os países da América Latina prestavam aos Estados Unidos. A partir deste conflito, ficava claro a ideologia repressiva das empresas estrangeiras e o sistema de intervenção norte-americano nos países latinos, em que exerciam enorme poder sobre os governos, a ponto de serem reconhecidos mundialmente como “repúblicas das bananas”.

1.2 - A relação da literatura de García Márquez com o contexto histórico dos movimentos trabalhistas

Ao utilizar a literatura como fonte de análise para aspectos jurídicos e sociais, nos movimentos trabalhistas da América Latina, é necessário prudência. A perspectiva da literatura como produto de seu tempo permite a compreensão de que a arte é um diálogo ou um processo de reflexão da interação do autor com movimentos específicos de sua época.

A obra literária pode ser analisada de diferentes formas. Nesse estudo, leva-se em consideração as influências externas sobre o texto, ao colocar no centro da abordagem aspectos do contexto histórico, do tempo, do lugar e do processo de desenvolvimento da narrativa. Este sistema de análise encontra resistência dos críticos literários, principalmente no que tange à interlocução da literatura com outros campos das humanidades, uma vez que a lógica predominante é o texto que se materializa em si, por meio de uma construção sólida, perfeita e acabada.

Antonio Candido, em sua obra *Literatura e sociedade*, apresentou um estudo sobre o sentido da crítica dialética (texto e contexto), no qual analisa os elementos externos, tais como o social, o psicológico e o linguístico como partes integrantes da estrutura de obras literárias. O autor parte do princípio de uma junção entre esses elementos, que se apoiam em uma interpretação dialética, em que “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”². É importante ressaltar que a abordagem adotada por Candido busca estabelecer uma visão objetiva, em que não se corrompa nenhum dos lados analisados.

A literatura deve ser tratada como algo indissolúvel, cuja formação recebe fatores sociais que constituem características essenciais, porém complementares. Além disso, o autor da obra atua como um agente transformador, pois absorve as realidades histórica e social e as transforma em um produto artístico de acordo com sua percepção. Dessa forma, a literatura não age como um reflexo puro do real, mas como uma interpretação subjetiva do meio.

Nesse sentido, merece destaque dentro desta análise, principalmente ao adentrar na literatura de Gabriel García Márquez, a referência à recuperação da memória coletiva e individual de fatos históricos, culturais e pessoais do autor, de um povo e de um continente. Esse resgate por meio de suas narrativas possibilita a utilização de metodologias alternativas capazes de tornar compreensível a representação de acontecimentos, identidades e cultura de uma coletividade em um determinado período, por meio da recriação artística do real.

O autor nasceu no ano de 1927, na cidade de Aracataca, cerca de 60 quilômetros de distância da cidade de Ciénaga, local em que ocorreu o massacre das bananeiras. Ainda que contasse com 1 ano de idade, cresceu escutando histórias

² CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e história literária. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p. 14.

de seu avô sobre o acontecimento, além de vivenciar o sistema de vassalagem que os Estados Unidos da América exerciam sobre a Colômbia. Assim, utilizou a histórica greve da United Fruit Company e as questões sociais e políticas que a envolviam em sua narrativa, de forma a possibilitar que o leitor pudesse sentir e refletir os fatores que ensejaram as reivindicações trabalhistas e como isto foi tratado pelo governo e pela própria empresa.

García Márquez aborda no romance as manifestações lideradas por José Arcádio Segundo o qual junto a outros sindicalistas reivindicavam melhores condições de trabalho e moradia adequada aos funcionários da Companhia Bananeira, conforme vem apresentado:

José Arcádio Segundo e outros dirigentes sindicais que até então tinham permanecido na clandestinidade apareceram intempestivamente um fim de semana e promoveram manifestações nas aldeias e povoados da zona bananeira. A polícia se conformou em vigiar a ordem. Mas na noite de segunda-feira os dirigentes foram arrancados de suas casas e mandados com grilhões de cinco quilos nos pés para o cárcere da capital provincial³.

Assim como ocorreu na década de 1920, na cidade de Ciénaga, os movimentos trabalhistas na fantasiosa Macondo foram tratados de forma repressiva por aqueles que detinham o poder e o dever de conceder melhores condições de vida e de trabalho a quem necessitava.

As questões levantadas pelo autor no que tange às exigências laborais, assemelham-se aos inúmeros dilemas enfrentados pela classe operária do século 20, na América Latina. Os movimentos sindicais, as greves e outras formas de manifestação exigiam requisitos na adequação do ambiente de trabalho e na elaboração de uma legislação mínima para a tutela das relações entre as forças trabalhistas e o empregador capitalista, praticamente ausente nos países latino-americanos. A falta de condições mínimas de uma existência humana digna tornava-se cada vez mais difícil de suportar e o inconformismo da classe operária ganhava força, conforme o trecho abaixo do romance:

No entanto, antes que se passassem três meses estavam em liberdade, porque o governo e a companhia bananeira não conseguiram chegar a um acordo sobre quem deveria alimentá-los na cadeia. Desta vez, o inconfor-

³ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 323.

mismo dos trabalhadores se baseava na insalubridade das moradias, no engodo dos serviços médicos e na iniquidade das condições de trabalho⁴.

Com a adoção do sistema capitalista, a dignidade do trabalhador não se tornou um fator de importância e preocupação dos grandes executivos e industriais. O trabalhador era visto apenas como uma força produtiva, parte integrante da geração de capital, facilmente substituível e descartável.

Dessa forma, esse modo de organização do trabalho em que o empregado era submetido à intensa exploração de sua mão de obra e no usufruto de péssimas condições no ambiente de trabalho, mostrou-se corriqueiro no precário e tardio processo de industrialização da América Latina.

A liberdade do trabalhador de contratar empregos com disposições dignas de trabalho não era e, em alguns casos, ainda não é, uma questão plenamente aceitável dadas as condições das leis de oferta e procura, uma vez que é comum que o complexo laboral imponha às pessoas a aceitação das piores condições de trabalho e de retribuição financeira, que não supra as necessidades básicas do empregado e de sua família.

Posto isso, verifica-se que o trabalho remunerado deveria ser o alicerce do sistema econômico, isto porque exerceria a função primordial na vida em sociedade, em virtude da inserção de pessoas economicamente ativas que viabilizariam o giro do capital e as movimentações financeiras do mercado. O salário é, portanto, requisito obrigatório de todo contrato de trabalho e direito fundamental da pessoa humana, com previsão legal na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo XXIII:

Todo ser humano que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social⁵.

A Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho, convocada em Genebra pelo Conselho de Administração da Repartição Internacional do Trabalho, em 8 de junho de 1949, adotou diversas proposições em relação à

⁴ *Ibidem.* p. 323.

⁵ **Declaração dos Direitos Humanos.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

proteção do direito dos trabalhadores, entre elas a regra de que as remunerações atribuídas aos empregados devem ser pagas exclusivamente em moeda de curso legal; o soldo sob forma de ordem de pagamento, bônus, cupons, ou sob qualquer outra configuração que se suponha representar a moeda de curso legal, é proibido.

García Márquez levanta esta questão em sua narrativa ao dispor que uma das principais motivações que ensejaram o início das manifestações, e posteriormente, a grande greve dos trabalhadores da Companhia Bananeira foi justamente o fato dos salários serem pagos em forma de vales e só poderem ser gastos dentro da própria empresa. Vejam o que dispõe o romance:

Afirmavam, além disso, que não eram pagos em dinheiro, mas com vales que só serviam para comprar presunto da Virgínia nos armazéns da companhia. José Arcádio Segundo foi encarcerado porque revelou que o sistema dos vales era um recurso da companhia para financiar seus barcos fruteiros, pois se não fosse pela mercadoria dos armazéns teriam de vir vazios de Nova Orleans até os portos de embarque da banana⁶.

Este esquema de pagamento em vales é conhecido como *Truck System*, que surgiu na Inglaterra, no século 15 e se expandiu durante a Revolução Industrial. Consiste no sistema pelo qual o empregador efetua o pagamento dos salários em forma de créditos ou vales para que os empregados adquiram mercadorias dentro da própria empresa ou de terceiros subordinados a ele. Essa prática viola o direito do trabalhador, que perde sua autonomia e se torna escravo do empregador, uma vez que esses artigos de primeira necessidade geralmente são de má qualidade e fixados com preços abusivos, o que gera um estado de endividamento e submissão perpétuo.

A saúde do empregado e a proteção social no cenário das relações de trabalho também são assuntos importantes desenvolvidos no romance de García Márquez. A obra aborda o descaso que a empresa tratava seus funcionários e como essa questão se tornava um problema social. O autor utiliza os recursos literários para explorar com precisão os problemas de saúde e a falta de segurança enfrentados pelos trabalhadores nas grandes empresas da América Latina.

As outras acusações eram de domínio público. Os médicos da companhia não examinavam os doentes, mas os faziam ficar parados em fila indiana

⁶ GÁRCIA MÁRQUEZ, Gabriel. Op. Cit. p. 324.

na frente dos dispensários e uma enfermeira punha em suas línguas uma pílula da cor do vitríolo azul, tivessem impaludismo, blenorragia ou constipação. Era uma terapêutica tão generalizada que as crianças entravam na fila várias vezes, e em vez de engolir as pílulas as levavam para suas casas para marcar com elas os números cantados no jogo de víspora⁷.

As relações de trabalho e a saúde dos operários é um tema que ganhou visibilidade na Europa, no século 19, com a criação da Medicina do Trabalho e a implantação de assistência médica dentro das empresas. A adoção dessas medidas não tinha como prioridade a promoção de saúde aos colaboradores, mas, sim, a manutenção da produção maciça. García Márquez coloca em evidência a precariedade e a desumanidade a que os funcionários da Companhia Bananeira eram submetidos:

Os trabalhadores da companhia eram amontoados em palhoças miseráveis. Os engenheiros, em vez de construir latrinas, levavam aos acampamentos, no Natal, uma retrete portátil para cada cinquenta pessoas, e faziam demonstrações públicas de como utilizá-las para que durassem mais⁸.

Desde a fundação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1929, houve uma preocupação na elaboração e inserção de normas preventivas que regulamentassem a proteção dos direitos humanos do trabalhador, por meio de políticas e programas internacionais que priorizassem a melhoria das condições de vida e de trabalho e a proteção dos grupos mais vulneráveis da classe, como as mulheres, crianças e migrantes.

Entretanto, a luta por direitos básicos nas relações de trabalho sempre foi vista como um grande inconveniente ao avanço do capital, e os sindicatos, atores desse processo, vistos como nocivos a todo sistema capitalista, principalmente por meio da política neoliberalista implantada no século 20, na América Latina, cujas principais características eram a flexibilização das legislações que regulavam a economia e a restrição aos direitos trabalhistas.

O sistema judiciário aparece no romance, quando os trabalhadores decidem encaminhar ao executivo da Companhia Bananeira uma petição contendo todas as reivindicações pelas quais lutavam. Os advogados representados por ho-

⁷ *Ibidem.* p. 324.

⁸ *Ibidem.* p. 324.

mens de preto são descritos pelo autor como aqueles que criavam verdades por meio do excesso de formalismo e das argumentações pretenciosas:

Os decrépitos advogados vestidos de negro que em outros tempos asse- diaram o coronel Aureliano Buendía, e que agora eram procuradores da companhia, desvirtuavam essas acusações com chicanas que pareciam coisa de magia. Quando os trabalhadores redigiram um documento de petições unânimes, passou-se muito tempo sem que pudessem notificar oficialmente a companhia bananeira⁹.

Em primeiro plano, ao analisar o trecho acima, destaca-se como o discurso jurídico, ao adotar uma linguagem rebuscada e o uso excessivo da liturgia afeta a eficácia do acesso à justiça. Ao longo da história, a linguagem jurídica especificou-se de tal forma que passou a segregar as relações sociais e a ser utilizada como exercício de poder, demonstração de erudição e autoridade. Os termos técnicos e conceitos específicos do Direito somados à complexa organização dos espaços jurídicos adquiriram caráter intimidatório e geraram ao cidadão comum o não reconhecimento desse ambiente como um lugar adequado para a resolução de seus conflitos e a busca por justiça social.

Como qualquer outra ciência, é natural que o Direito possua uma linguagem técnica, que englobe termos e conceitos utilizados dentro da área de conhecimento, porém os recursos de ornamentação, arcaísmos e expressões latinas exageradas levam à perda do fundamento humanitário das ciências jurídicas, cujo foco deveria ser sempre a dignidade humana e o atendimento a suas necessidades urgentes. No caso em tela, o narrador declara que os procuradores da companhia “desvirtuavam essas acusações com chicanas que pareciam magia”, pressupondo-se, na visão dos trabalhadores, que o exercício da advocacia e todo processo judicial, por meio de terminologias e signos inacessíveis, tinham a função de criar verdades, a fim de atender aos interesses do poder econômico e excluir os necessitados.

Quando o Estado toma para si o dever de aplicação do Direito e a tutela dos conflitos sociais, eclode a necessidade de um discurso persuasivo, que edifique e exponha os fatos de forma clara e efetiva. O discurso jurídico extremamente burocrático, com suas particularidades inoportunas foi comparado por inúmeros operadores do Direito às missas rezadas em latim, diante da expressão linguística complexa e da ritualística autocrática, que afasta seus seguidores da

⁹ *Ibidem*. p. 324.

verdadeira essência da fé e da comunhão. Dessa forma, o que se quer extrair dessa reflexão é que o Estado exerce um fator de dominação sobre a sociedade, ao concentrar o conhecimento jurídico e a compreensão de direitos fundamentais a uma elite letrada, enquanto grande parte da população sofre os efeitos da desigualdade social e do processo de hierarquização de forças econômicas.

Nesse sentido, a linguagem normativa acessível pode ser garantida aos homens médios, para a fácil compreensão das informações processuais e consequentemente a interação necessária entre o Direito e a sociedade, tendo em vista que conhecimento prévio das leis e uma interpretação limpa de sua aplicação permitem o exercício da cidadania e a concretização do Estado Democrático de Direito.

Ainda diante desta visão pessimista sobre o judiciário, manifestada por meio da forma como o processo se desenvolve e é manipulado para beneficiar às elites em detrimento das minorias, na passagem abaixo, García Márquez retrata criticamente e de maneira bem realista a insatisfação do povo perante este sistema, deixando transparecer a ausência de resoluções justas e compatíveis com a lei. Vejam:

Os enlutados advogados demonstraram em juízo que aquele homem não tinha nada a ver com a companhia, e para que ninguém pusesse em dúvida seus argumentos fizeram com que o usurpador fosse preso. Mais tarde, o senhor Brown foi surpreendido viajando incógnito num vagão de terceira classe, e fizeram com que assinasse outra cópia do documento de petições. No dia seguinte compareceu diante dos juízes com os cabelos pintados de negro e falando um castelhano sem tropeços. Os advogados demonstraram que não era o senhor Jack Brown, superintendente da companhia e nascido em Prattville, Alabama, e sim um inofensivo vendedor de plantas medicinais, nascido em Macondo e ali mesmo batizado com o nome de Dagoberto Fonseca. Pouco depois, diante de uma nova tentativa dos trabalhadores, os advogados exibiram em lugares públicos o certificado de defunção do senhor Brown, autenticado por cônsules e chanceleres, e no qual se dava fé de que no dia nove de junho próximo passado ele havia sido atropelado em Chicago por um carro de bombeiros. Cansados daquele delírio hermenêutico, os trabalhadores repudiaram as autoridades de Macondo e elevaram suas queixas aos tribunais supremos. E foi lá que os ilusionistas do direito demonstraram que as reclamações careciam de qualquer valor, simplesmente porque a companhia bananeira não tinha, nem tivera jamais, trabalhadores a seu serviço, mas os recrutava ocasionalmente e em caráter temporário. Portanto, desbaratou-se a patranha do presunto da Virginia, das pílulas milagrosas e das retretes natalinas, e es-

tabeleceu-se por decisão do tribunal, e se proclamou em decretos solenes, a inexistência dos trabalhadores¹⁰.

É justamente nesse espaço literário, entendido como a plataforma de formação de García Márquez enquanto crítico social, que ocorre a possível constatação da descrença do povo nas instituições públicas, aqui representadas pelo poder judiciário. A ideia de um sistema jurídico puro, que não sofre interferência política e econômica foi refutada ao longo da história da humanidade e pode ser observada na literatura garciamarquiana, em virtude de frentes governamentais que utilizaram o conceito de justiça para sobrepor os interesses de grupos dominantes.

O romance coloca em evidência fatores importantes da formação do poder judiciário e da perspectiva do povo sobre tais instituições democráticas. A construção textual e os eventos descritos na obra, embora caricatos e hiperbólicos, sugerem aos olhos de um povo formado por uma enorme diversidade cultural e econômica, um panorama negativo do sistema judiciário. Esse cenário não se distancia da realidade observada na América Latina.

Nesse sentido, a crise na credibilidade das instituições democráticas latino-americanas está compreendida na deficiência do aparato jurídico e no atraso na resolução dos conflitos. Historicamente a estrutura do sistema judiciário não consegue atender com eficiência e celeridade necessária a enorme demanda de casos, isso porque, o arcabouço jurisdicional sofre com um déficit administrativo, que atinge a produtividade prestacional, gerando desigualdade na condução das atividades levadas a juízo.

Para além da problemática interna do poder judiciário, existem fatores ainda mais graves que afetam a concretização da democracia e aumentam o descrédito da população nos poderes públicos, circunstâncias estas que comprometem a autonomia fundamental destas instituições no que tange ao exercício de suas funções constitucionais.

Assim na seara de estudos culturais e sociológicos, observa-se que países enquadrados em democracias recentes tais como os pertencentes à América Latina, a população apresenta um grau mínimo de confiança nos poderes estatais. Esse fenômeno pode ser explicado ao tomar por base a construção histórica das próprias instituições, tendo em vista as instabilidades proporcionadas por

¹⁰ GÁRCIA MÁRQUEZ, Gabriel. Op. Cit. p. 325.

governos autoritários que causavam e, em alguns casos ainda causam, interferências diretas na independência destas entidades.

Na Colômbia, até meados do século 20, a disputa pelo poder estatal, entre liberais e conservadores impactou efetivamente a organização do sistema judiciário. Após a década de 1960, a justiça colombiana passou a sofrer com a expansão da violência e das interferências políticas de grupos de guerrilhas e de movimentos militares. Países como Argentina, Chile e Equador não requerem um exame ou concurso para o acesso à magistratura, vigorando um sistema de indicação. Já os novos magistrados do Brasil, Peru e Venezuela passam por uma rigorosa seleção de conhecimento técnico e psicológico, porém, em alguns casos, como o judiciário brasileiro, o poder executivo tem ingerência na nomeação de ministros para a composição das cortes supremas. Esse fator potencializa o poder do Executivo ao conformar os órgãos superiores de acordo com as linhas ideológicas de seu governo.

É evidente a importância de um sistema jurídico sólido e independente dentro de um Estado Democrático de Direito. Hely Lopes Meireles, no livro *Direito Administrativo Brasileiro* (2000)¹¹, ensina que os integrantes dos órgãos julgadores e do Ministério Público são agentes políticos que exercem função fiscalizatória e como tais devem agir com total imparcialidade, sem vínculos subjetivos com o processo, a fim de conduzi-lo com isenção e garantir às partes isonomia, evitando assim qualquer tipo de favoritismo ou predisposição. Dessa forma, a interferência política de autoridades que poderão ser alvo de fiscalização e investigação pelo poder judiciário contamina violentamente os princípios fundamentais da justiça em sua mais plena acepção.

O trecho de *Cem anos de solidão*, destacado acima, aborda aspectos polêmicos, porém comuns na luta cotidiana pela efetivação de direitos inerentes à dignidade da pessoa humana.

A burocratização do acesso à justiça e a presença da influência econômica sobre os poderes públicos gera a anulação dos trabalhadores da Companhia Bananeira, que passam a ser vistos como vilões e não como vítimas de um grupo dominante que lhes tirou todas as oportunidades.

Ao seguir com o desenvolvimento do romance, García Márquez alude à deflagração da greve e ao grande massacre que ocorreu em frente à estação de trem de Macondo. Acontecimento que marcou profundamente a história do povoado.

¹¹ MEIRELLES, Hely Lopes, **Direito Administrativo Brasileiro**. 25., São Paulo: Malheiros, 2000.

José Arcádio Segundo estava no meio da multidão que se concentrou na estação desde a manhã da sexta-feira. Havia participado de uma reunião dos dirigentes sindicais e tinha sido encarregado, junto com o coronel Gavilán, de se confundir na multidão e orientá-la de acordo com as circunstâncias. Não se sentia bem, e amassava uma pasta salobra no céu da boca desde que percebeu que o exército havia armado ninhos de metralhadoras ao redor da praça, e que a cidade cercada da companhia bananeira estava protegida por peças de artilharia. Lá pelo meio-dia, esperando um trem que não chegava, mais de três mil pessoas, entre trabalhadores, mulheres e crianças tinham transbordado o espaço descoberto na frente da estação e se apertavam pelas ruas adjacentes, que o exército fechou com filas de metralhadoras¹².

Embora os dirigentes sindicais fossem um tanto céticos quanto a mudança no posicionamento da empresa, principalmente ao constatarem que os militares cercavam a multidão, os trabalhadores acreditavam que a força e a união popular pudessem produzir um efeito positivo nas negociações. O recorte proposto para análise apresenta a forma crítica em que o autor levanta essa problemática e busca aproximar seu texto ao evento da greve que culminou no massacre das bananeiras.

Essa interlocução entre literatura e movimentos trabalhistas possibilitou que o leitor se aprofundasse na marca ideológica de García Márquez deste período literário, que se fundamentava na adoção de uma narrativa que servia aos objetivos da causa social e tencionava a conscientização da dura realidade dos trabalhadores no cenário de industrialização da América Latina.

O discurso adotado no romance legitima e reforça a experiência de José Arcádio Segundo como indivíduo, inserido em um modelo de exploração e disputa de poder, no qual permanece à margem da sociedade, excluído, marginalizado e sem amparo legal. Ao mesmo tempo, apresenta uma visão coletiva da luta sindical por melhores condições de vida, em que é possível compreender a força que a organização proletária pode exercer sobre as estruturas do poder. A personagem representa a estirpe Buendía que atua na defesa do território macondense e de seus habitantes, fortalecendo a dura ligação existente entre a família e o povoado.

Ao tomar por base as movimentações trabalhistas ocorridas na América Latina, no século 20, percebe-se que os trabalhadores sempre foram alvo das perseguições políticas de governos autoritários, por meio de ataques e repressões

¹² GÁRCIA MÁRQUEZ, Gabriel. Op. Cit. p. 327-328.

violentas aos seus órgãos representativos, além de implantações de medidas que beneficiavam os interesses das elites econômicas, à custa do empobrecimento e das péssimas condições de trabalho dessa classe operária.

As ações militares perpetradas contra os movimentos trabalhistas ocasionaram sérias violações de direitos humanos, consagrados na legislação internacional, especialmente em convenções da Organização Internacional do Trabalho (OIT). A esse exemplo, cita-se a violação à liberdade de associação, a fim de controlar as organizações sindicais; as prisões ilegais, como método de repressão, seguidas de torturas, assassinatos e desaparecimentos injustificados, bem como inúmeras mortes e massacres de pessoas que lutavam à frente das causas trabalhistas.

Mesmo diante desse quadro repressivo, os trabalhadores latino-americanos estiveram mobilizados na busca por direitos e reconhecimento de sua classe, na esperança de construir um movimento trabalhista democrático e sólido, a fim de estabelecer estratégias opostas às estruturas corporativistas impostas pelo sistema econômico e defendidas por políticas públicas que desvalorizavam a força operária. A união dos trabalhadores e a reivindicação de direitos rompem com o *status quo* e possibilitam a difusão de uma ideia revolucionária que denuncia as agruras do sistema social e vislumbra uma libertação futura.

García Márquez resgata detalhes importantes do dia 6 de dezembro de 1928, em que durante uma manifestação na praça de Ciénega, centenas de pessoas foram executadas em uma ação prepotente do exército colombiano. Volta-se, novamente, à concepção da obra literária como produto da criação humana e a tensão na discussão da representação da realidade por meio da arte. Nesse sentido, levanta-se novamente a posição de Antonio Candido em que defende que o texto e contexto se fundem por intermédio da relação dialética, em que o externo e o interno tornam-se parte de um mesmo conjunto.

Ainda nesse sentido, Rama (2001) aponta que a literatura entre as décadas de 1930 a 1950 passou a representar uma classe social de emergentes, submetida aos desmandos de uma estrutura dominante e exploradora. As obras neste período buscavam restabelecer a característica nacional-regionalista, como afirma no trecho abaixo:

Restabelecer as obras literárias dentro das ações culturais desenvolvidas pelas sociedades americanas, reconhecendo suas audaciosas construções de significados e o ingente esforço para tratar autenticamente as lingua-

gens simbólicas desenvolvidas pelos homens americanos, é um modo de reforçar esses conceitos vertebrais de independência, originalidade, representatividade. As obras literárias não estão fora das culturas, mas as coroam, e na medida em que essas culturas são invenções seculares e multitudinais, fazem do escritor um produtor que trabalha com as obras de inumeráveis homens¹³.

As particularidades presentes no romance que permitem sua associação com a realidade são abordadas e definidas de acordo com o desenvolvimento da narrativa, dentro daquilo que for fundamental ao fortalecimento da memória. Assim, ao tratar do massacre da Companhia Bananeira, percebe-se que o autor utilizou elementos externos para recriar um evento baseado em questões sociais de sua vivência e a literatura, nesse ponto, pode ser compreendida como um aporte à compreensão da conexão com a realidade social. Esse reflexo é bastante claro na obra de García Márquez, a exemplo disso é possível verificar no texto literário elementos significativos dos eventos que marcaram a história da Colômbia, como observa-se no trecho abaixo:

[...] o Decreto Número 4 do Chefe Civil e Militar da província estava assinado pelo general Carlos Cortes Vargas e pelo seu secretário, o major Enrique García Isaza, e em três artigos de oitenta palavras declarava que os grevistas eram uma quadrilha de malfeitores, e facultava ao exército o direito de matá-los a bala¹⁴.

Ao citar o Decreto Número 4 do Chefe Civil e Militar, García Márquez alude, mais uma vez, ao episódio de Ciénaga, quando o general Cortés Vargas leu aos grevistas da United Fruit Company o decreto que classificava o ato como de perturbação da ordem e requeria aos manifestantes a desocupação da praça. O discurso é tão direcionado que os dados oficiais do decreto, incluindo seu número e a quantidade de páginas, foram utilizados pelo autor, que recorreu aos registros dos Arquivos Nacionais da Colômbia.

Nesse ato, também é possível avaliar a perspectiva negativa que o Estado difundiu sobre a luta dos trabalhadores por condições mais dignas de trabalho. Os atores dos movimentos grevistas eram vistos como “uma quadrilha de malfeitores”, de pessoas que tinham a intenção de atrasar a economia, de praticar a

¹³ RAMA, Ángel. **Literatura e cultura na América Latina**. Trad. Elza Gasparotto e Raquel Santos La Corte. São Paulo: Edusp, 2001. p. 247.

¹⁴ GÁRCIA MÁRQUEZ, Gabriel. Op. Cit. p. 328.

corrupção, de depredar patrimônio público e privado e de praticar ações ilegais. Essa ideia ao longo dos anos foi implantada no seio da sociedade latino-americana e os movimentos de trabalhadores taxados de reduto de bandidos.

As principais medidas públicas, adotadas pelos governantes durante a ascensão das lutas trabalhistas, foram os ataques às organizações sindicais, a fim de dismantelar as instituições, pois sem uma organização institucional solidificada os trabalhadores não teriam força necessária para modificar o sistema. Assim o Estado passa a atuar de forma repressiva para desarticular as bases sindicais.

A repressão estatal violenta pode ser vista na forma como o autor descreve com minuciosos detalhes os militares atacarem as pessoas que se manifestavam pacificamente em uma praça:

No final de seu grito aconteceu uma coisa que não produziu nele nenhum espanto, mas uma espécie de alucinação. O capitão deu a ordem de fogo, e catorze ninhos de metralhadoras responderam no ato. Mas tudo parecia uma farsa. Era como se as metralhadoras tivessem sido carregadas com balas de festim, porque ouviu-se a tosse arfante, e viam-se as suas cusparadas incandescentes, mas não se notava a mais leve reação, nem uma voz, nem mesmo um suspiro, na multidão compacta que parecia petrificada por uma invulnerabilidade instantânea¹⁵.

Como já apontado neste trabalho, García Márquez busca aproximar-se de suas memórias causando o oportuno efeito de verossimilhança com as histórias contadas por seus avós e episódios históricos ocorridos em toda América Latina. No trecho acima, observa-se todo espanto, horror e desespero de José Arcádio Segundo ao perceber que de fato os militares abririam fogo contra pessoas inocentes, sendo elas mulheres, crianças e trabalhadores que só reivindicavam o que lhes cabia por direito. Sob a ótica da ficção e de toda licença poética fornecida pela literatura, percebe-se que o autor rememora o massacre da United Fruit Company e expressa o sentimento de revolta, de perplexidade e tristeza que o evento suscitou na Colômbia.

As duas primeiras linhas já tinham se jogado, varridas pelas rajadas das metralhadoras. Os sobreviventes, em vez de se jogarem no chão trataram de voltar para a praça, e o pânico então deu rabanada de dragão e os man-

¹⁵ *Ibidem.* p. 329.

dou numa onda compacta contra a outra onda compacta que se movia em sentido contrário, jogada pela outra rabanada de dragão da rua oposta, onde as metralhadoras também disparavam sem trégua. Estavam encurralados, girando num torvelinho gigantesco que pouco a pouco se reduzia ao seu epicentro porque as bordas iam sendo sistematicamente recortadas em círculo, como quem pela uma cebola, pelas tesouras insaciáveis e metódicas da metralhadora¹⁶.

Os elementos narrativos que o autor utiliza para descrever o fato violento e sangrento em frente à estação de trem de Macondo permitem que o leitor compartilhe a angústia, o medo e a inércia dos trabalhadores frente ao covarde ataque perpetrado pelos militares. O escritor constrói um cenário de guerra ao mencionar os disparos sem trégua das metralhadoras e o pânico que se instaurou entre os presentes que, encurralados, eram abatidos sem terem a chance de fugirem ou se protegerem. José Arcádio Segundo vivencia essa carnificina, em que a dor e o desespero predominam em meio à multidão. O silêncio que predomina entre as pessoas e a falta de ação causada pela surpresa do ato geram uma enorme confusão e aos poucos as pessoas são aniquiladas em camadas até se atingir o eixo central.

A morte de centenas de trabalhadores torna expressa a fragilidade de uma classe que, atingida pela miséria social, mobiliza-se, mas logo é duramente exterminada por um sistema burguês, que assiste ao acontecimento em seus postos de privilégio, de conforto e segurança, enquanto pais, mães e filhos morrem como se fossem insetos que atacam o centro de poder.

Quando despertou, José Arcádio Segundo estava deitado de costas nas trevas. Percebeu que iam num trem interminável e silencioso, e que estava com os cabelos engomados de sangue seco, e que seus ossos doíam. Sentiu um sono insuportável. Disposto a dormir muitas horas, a salvo do terror e do horror, acomodou-se do lado que doía menos, e só então descobriu que estava deitado sobre os mortos. Não havia espaço livre no vagão, a não ser no corredor central. Deviam ter passado muitas horas depois do massacre, porque os cadáveres tinham a mesma temperatura do gesso no outono e a mesma consistência de espuma petrificada, e quem os havia posto no vagão teve tempo de arrumá-los na mesma ordem e no sentido em que transportavam os cachos de bananas¹⁷.

¹⁶ *Ibidem.* p. 330.

¹⁷ *Ibidem.* p. 331.

José Arcádio Segundo ao acordar em um trem abarrotado de mortos empilhados, exatamente como os cachos de bananas eram transportados em outros tempos, permite ao leitor a percepção de que as pessoas que trabalharam naquele empreendimento, que deram seu suor e sua força para a conquista de muitos lucros e dividendos, eram agora descartadas como um produto podre e sem vida, que já não servia mais aos interesses de seus patrões.

Esse discurso adotado por García Márquez ilustra seu ideal anti-imperialista ao denunciar os graves impactos sociais ocasionados pela intervenção econômica estrangeira na América Latina, uma vez que o autor sempre esteve vinculado a movimentos de oposição à política imperialista. Firmou sua posição ao defender a identidade latino-americana e lutou para que o continente conquistasse independência política, econômica e cultural.

As lutas desses movimentos tinham a finalidade de fortalecer as demandas populares, a regulamentação de uma legislação contra as discriminações trabalhistas e uma política econômica que combatesse as desigualdades sociais. Os temas pautavam-se na defesa de uma frente nacionalista distante do “milagre econômico” advindo do modelo neoliberal.

O conflito provocado pela Companhia Bananeira, em *Cem anos de solidão*, traz à tona a discussão da relação de exploração e submissão estrangeira que a América Latina enfrenta desde o período de colonização e que ficou mais intensa com o processo de industrialização. Nesse sentido, o autor utiliza a questão dos problemas sociais e econômicos para legitimar a identidade regional e a unidade latino-americana. Sua obra proporcionou reflexões sobre a intervenção política frente à dominação econômica e se apoia na defesa dos ideais de autonomia e soberania da comunidade latino-americana.

As críticas social e política, presentes no romance, retratam por meio da literatura do insólito, o processo de industrialização tardia implantado na América Latina que, forjado no investimento de capital estrangeiro e no padrão deletério de exploração de mão de obra e extração de recursos naturais, proporcionou o surgimento de um pseudoprogresso em suas nações. O grande efeito causado pela adoção desse modelo econômico é a consolidação de uma classe burguesa extremamente burocrática, cujo interesse baseava-se no seu próprio desenvolvimento, sem se preocupar com a formação de estruturas de bases nacionais e tecnologias viáveis.

Eduardo Galeano, em *As veias abertas da América Latina* (1971), retrata a relação de dependência e subordinação a que os países latino-americanos se su-

jeitaram ao longo de sua história, primeiro aos colonizadores e posteriormente às grandes economias mundiais. Essas submissão e exploração de recursos materiais e naturais geraram nestas nações um grande atraso econômico e uma forte repressão cultural. Assim para Galeano (2010):

Há dois lados na divisão internacional do trabalho; um em que alguns países se especializam em ganhar, e outro em que se especializam em perder. Nossa comarca de mundo que hoje chamamos de América Latina foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalçaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta¹⁸.

Dessa forma, um dos pontos altos do romance em estudo, baseia-se em um acontecimento icônico da história da Colômbia e por meio dele é possível analisar o tratamento desumano dado aos trabalhadores latino-americanos, que careciam de qualquer valor nas relações de proteção laboral e seguridade social, sem amparo de uma legislação que pudesse garantir o mínimo para uma vida com dignidade. Assim, ao tomar aspectos da história da América Latina como parâmetro, percebe-se a ligação com a narrativa de García Márquez, haja vista que em ambas ocorrem o massacre de pessoas inocentes em nome da ordem e do Estado de Direito, cujos dados oficiais são deturpados pelas autoridades.

Por fim, merece destacar que após a violenta intervenção militar ocorrida no vilarejo, Macondo sofre com um fenômeno natural extremado, em que fortes chuvas tomam conta da região por quatro anos, onze meses e dois dias. Esse acontecimento consagra o silenciamento e o esquecimento do episódio dos trabalhadores e de suas lutas. Além disso, marca o fim de uma fase do romance, em que o paraíso de José Arcádio Buendía é violado pela interferência estrangeira, explorado e massacrado em proveito de lucros, retomando, assim, seu estado original, em torno de uma atmosfera mítica e regionalista.

CONCLUSÃO

É possível deduzir que o texto literário destaca a consciência histórica e política do autor, principalmente o anseio pela consolidação de uma identidade nacional que perpetue a memória e represente os problemas sociais de um povo que lutou, deu seu sangue e vida na busca por direitos e por um país mais justo

¹⁸ GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Sergio Faraco, 1. ed. Porto Alegre/RS: L&PM, 2010. p. 13.

e menos violento, mas foi subjugado aos interesses dos poderosos, que o reprimiu e o oprimiu até sua destruição e apagamento de suas raízes. Este trabalho centralizou os estudos interdisciplinares entre Literatura e Direito a fim de contemplar múltiplas interpretações que possam substituir conceitos restritos e puramente dogmáticos por novas formas de compreensão, mais profundas e comprometidas com a análise sociológica e antropológica. A conclusão, portanto, é de que os textos literários permitem o pensamento além do senso comum, cuja capacidade de reestruturar o sistema, entender a raiz dos conflitos e mudar os paradigmas se torna evidente.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e história literária. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Sergio Faraco, 1., Porto Alegre: RS: L&PM, 2010.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MEIRELLES, Hely Lopes, **Direito Administrativo Brasileiro**. 25., São Paulo: Malheiros, 2000.

RAMA, Ángel. **Literatura e cultura na América Latina**. Trad. Elza Gasparotto e Raquel Santos La Corte. São Paulo: Edusp, 2001.

Submissão: 21.março.2022

Aprovação: 25.julho.2022